

Queridos leitores,

chamo-me Inês Alfiate, sou uma jovem de 17 anos que vive no concelho de Oeiras. Estou aqui para deixar o meu testemunho, para contar como se resumiu a minha vida em 2020. O ano de 2020, para grande parte dos jovens, foi relatado como “O Ano”!

Lembro-me de quando era uma criança de 6 ou 7 anos associar o futuro ano 2020 a carros voadores, brinquedos super avançados e divertidos, foguetões, carros elétricos, etc. Para minha surpresa foi o contrário! Durante este ano houve guerras, discussões entre países, destruição, um recorde de poluição nos mares, explosões, fogos e até uma espécie de “Terceira Guerra Mundial”.

Quando os primeiros casos de Covid-19 começaram a surgir na China, nunca pensei que chegaria a Portugal. Nunca acreditei que poderia viver uma pandemia, acho que ninguém pensa nisso até acontecer. Acredito que, nesses momentos, achamos sempre que só acontece aos outros, e não a nós. Contudo, foi o contrário comigo!

Gostaria de descrever o momento em que acordei, aquele que me fez perceber a realidade, a real situação que eu estava a viver: a conversa entre mim e a minha mãe, foi quando percebi que tudo poderia acontecer, a situação real da minha família. A minha mãe disse-me que a situação estava muito difícil para os enfermeiros e que ela e o meu pai poderiam ser chamados a qualquer momento – ambos são enfermeiros!

O meu mundo caiu, eu via nas notícias como descreviam Itália, as histórias de famílias que nem sabiam se os seus familiares estavam vivos ou mortos. Eu simplesmente não conseguia suportar isso! Comecei a criar na minha cabeça possíveis acontecimentos e suposições e, então, a minha mãe disse-me que a qualquer momento ela e o meu pai poderiam ter de sair de casa e que poderiam não saber quando iriam, ou não, voltar – como estava a acontecer em Itália: famílias a perderem o contacto e sem terem nenhuma informação de quando iriam voltar para casa. Eu não aceitei muito bem esta situação, quer dizer, como é que uma rapariga de 16 anos deve lidar com esta situação? Pois, bem, eu não lidei da melhor forma. Pedi-lhe que se Portugal chegasse ao ponto de Itália, que ela parasse de trabalhar e que se demitisse. Eu poderia estar a ser egoísta, mas eu não queria saber, simplesmente não queria perder os meus pais para esta guerra. A minha mãe, quando ouviu o meu pedido de súplica, deixou uma lágrima escorrer pelo rosto e sorriu. Nesse sorriso, eu percebi! Eu vi no seu olhar, o real sentimento dela: ela iria estar sempre onde o seu povo necessitasse. No seu sorriso, eu vi que ela aceitava viver no sofrimento de Itália se o seu povo precisasse, vi o seu amor de enfermeira pelo seu país. Eu não podia fazer nada! Percebi no seu olhar inocente que ela teria de o fazer se fosse necessário, não podia ser egoísta ... só ter fé de que tudo iria ficar bem.

Nesta altura, eu tinha medo de sair à rua. Sei, que isto pode parecer um pouco exagerado e patético de certa forma mas, ainda não se tinha grande informação sobre o novo corona vírus, todo o país ainda estava assustado com a nova mudança – uma pandemia, acho que todos tínhamos medo do que poderia acontecer. Todavia, a minha mãe convenceu-me a sair de casa e aceitei em dar a minha primeira caminhada pelo meu quarteirão – não me sentia confortável suficiente para andar mais distante do que isso. Lembro-me de não se ver ninguém nas ruas, mesmo! Eu via nas notícias imagens das ruas vazias e sem ninguém, mas viver isso, ser eu a viver isso com o meu corpo e os meus olhos é completamente diferente!

Parecia viver num clima de guerra e de incerteza: todos tinham medo de sair de casa, tinham medo da incerteza do que poderia acontecer a seguir, realmente parecia que estávamos a viver

a tal “Terceira Guerra Mundial”. Talvez estivéssemos mesmo, o mundo todo a lutar contra um vírus, que provoca milhões de mortes e sofrimento pelo mundo inteiro. Nos 30 ou 40 minutos que estive na rua, vi 8 pessoas (eu contei). Isto foi muito estranho pois vivo numa zona bastante movimentada, a todas as horas há carros a passar, trânsito, foi um contraste muito intenso para mim. Porém, apesar deste clima de guerra e medo, quando via os arco-íris nas janelas, via alguma esperança. As casas, pelas ruas perto da minha, estavam cheias deles, era tão bom ver alguma coisa colorida nas ruas, ver numa janela tanta cor – deixavam-me com cor também. Sempre que via algum com a minha mãe, vinha-nos sempre um sorriso, mas não falso e forçado, era mesmo real: era um sorriso espontâneo e inocente, cheio de esperança de que um dia tudo iria ficar bem. Esta era a frase em que baseava a minha vida.

Hoje, o dia em que estou a escrever este pequeno testemunho, é 22 de setembro de 2020. relatei tudo o que senti no início de tudo isto. Agora, vou descrever como está a situação atual.

O mundo está muito diferente, acho que o medo do covid-19 já está mais calmo, o que não está a ajudar muito Portugal! Estamos com muitos casos e as pessoas não estão a cumprir as regras, daí o aumento de casos. Fico um pouco desiludida com isso. Contudo, os meus pais estão bem! O meu pai, entretanto, já teve de ir para outra casa porque uma colega tinha sido infetada, mas, felizmente ele não o foi. Então, estamos todos juntos: eu, os meus pais e o meu irmão. Há pouco tempo, recebi a notícia de que a minha mãe possivelmente terá de ir para um centro de atendimento ao Covid-19, (um ADC), tenho de confessar que estou com medo de que ela vá, mas precisam dela. Ela é uma ótima profissional além de mãe, por isso tenho de aceitar que ela faça as duas coisas em que ela é ótima, e que adora.

Por fim, quero dizer que estou muito mais calma do que no início de tudo. Aprendi a estar só na minha companhia e a estar bem, sem precisar de mais nem ninguém – há muito que não me sentia assim, estou realmente feliz por isso. Também, descobri duas músicas que me ajudaram durante tudo isto, elas são: “Everything will be alright” e “Gente da Minha Terra”, na versão da Mariza – ambas de autoria portuguesa. Não sei bem o porquê, mas, durante este tempo comecei a identificar-me com o fado português, estou feliz por isso, é lindo! Realmente, quando não estava bem, começava a ouvi-las e o sorriso de esperança apoderava-se de mim. O sorrir também foi muito importante! Como disse, aprendi a estar feliz na minha própria companhia, assim, aprendi a sorrir para mim e a divertir-me só – sinto-me outra pessoa, uma pessoa muito mais feliz apesar de tudo... muito mais bem-disposta, especialmente em casa.

Sabem, para ser sincera, quando ouço a palavra “Guerra” lembro-me de tudo e os meus olhos ficam sempre em água. Mas, como em todas as guerras, há sempre uma esperança, sofrimento, mas, também, um final – esta guerra irá acabar! Por isso, acredita que tudo irá ficar bem e sorri sempre, aprende a estar bem na tua companhia e, por fim, lembra-te que estamos todos unidos nesta luta: o mundo todo contra o Covid-19!

Assim acaba este pequeno testemunho da jovem Inês Alfaiate.

Escrito no dia 22 de setembro de 2020.